

O ESPORTE COMO MATRIZ DA SOCIABILIDADE ESPONTÂNEA: UM OLHAR PELO REFERENCIAL HABERMASIANO

MARCO BETTINE ALMEIDA

Universidade de São Paulo / Brasil

marcobettine@usp.br

Resumo

Este artigo discutirá o esporte como fenômeno social, matriz de socialização e transmissão de valores, forma de sociabilidade, instrumento de educação, o qual, além de representar a identidade de um país, é espetáculo ritual. Por meio da metodologia habermasiana, compreendendo o objeto proposto como fenômeno e relação social, é possível entendê-lo pela sua característica de complexificação sistêmica da sociedade. A compreensão dos processos de secularização, racionalização, civilização e distinção contribuíram para analisar os problemas que afetam o esporte e sua inserção social. No entanto, esses conteúdos devem ser ampliados para a questão da sociabilidade espontânea e o papel social das práticas esportivas no Mundo da Vida. A conclusão deste artigo é pensar a inserção do esporte na sociedade de distintas maneiras: economia, cultura, espetáculo, educação e política, haja vista que tal fenômeno integra a todos estes elementos em maior ou menor grau dependendo da finalidade da prática e do sentido que o sujeito dá ao esporte.

Palavras-chave: Esporte; Sociologia; Cultura.

EL DEPORTE COMO EXPRESIÓN CULTURAL Y LA MATRIZ DE LA SOCIABILIDAD ESPONTÁNEA: UNA MIRADA A LA REFERENCIA DE HABERMAS

Resumen

En este artículo se discutirá el deporte como fenómeno social, generador de elementos de socialización y transmisor de valores, formador de factores de sociabilidad, e instrumento de educación; lo cual además de representar la identidad de un país es un fenómeno de masas. A través de la metodología habermasiana, se comprende el deporte como un fenómeno en su relación social, entendiéndolo por sus características de sistema social complejo. La comprensión de los procesos de secularización, racionalización, civilización y distinción contribuyen para analizar los problemas que afectan el deporte y su inserción social, sin embargo, estos contenidos deberían ampliarse para la sociabilidad espontánea y la función social del deporte en la vida cotidiana. La conclusión de este trabajo es considerar la inclusión del deporte en la sociedad desde distintos ámbitos, abordándolo desde lo económico, lo educativo, lo político, lo cultural y como fenómeno de masas; esto en la medida que tal fenómeno integra a todos estos elementos en mayor o menor grado dependiendo de la finalidad de la practica y del sentido que el sujeto otorga al deporte.

Palabras-clave: Deportes; Sociología; Cultura.

THE SPORT AS A CULTURAL EXPRESSION AND ARRAY OF SPONTANEOUS SOCIABILITY: A LOOK AT HABERMAS' REFERENCE

Abstract

This article discusses the sport as a social phenomenon, the array of socialization and transmission of values, forms of sociability, a tool for education and discrimination. The sport represents the country's identity as a spectacle ritual. Through the Habermasian methodology, including the sport as a phenomenon and a social relationship is possible to understand this object by its characteristic of systemic complexity of society. The understanding of the processes of secularization, rationalization, civilization and distinction contributed to analyze the problems that affect sport and its social insertion. However, these contents should be expanded to the spontaneous sociability and social role of sport in World of Life. The conclusion of this paper is to consider the inclusion of sport in society in different ways, economy, culture, performance, education and politics. The sport incorporates all these elements in greater or lesser degree depending on the purpose of practice and the sense that the subject gives to the sport.

Keywords: Sports; Sociology; Culture.

Introdução

Para entender o esporte e sua abrangência, apresentaram-se algumas dimensões do fenômeno esportivo. Primeiramente, foram abordadas leituras do esporte pela ótica das humanidades, discutindo a sua gênese, racionalização e a ligação com o capital simbólico, artístico e de poder. Em um segundo momento, o texto trabalhou com os aspectos ligados à industrialização.

A mídia, bem como as políticas públicas, são temas para discutir o esporte e os problemas sociais, demonstrando que aquele é vinculado à cultura e, portanto, carrega consigo as questões mais sensíveis da sociedade. Por último, discutiu-se o esporte como transmissão de valores e integrado às ações culturais de um determinado agrupamento social.

O método de análise parte da ideia de estudar o esporte como fenômeno que acaba por incorporar as várias faces do Mundo da Vida, no sentido habermasiano do termo. Este é o ambiente da sociabilidade espontânea e construção da comunicação. Neste estudo, a hipótese central é a de que o esporte torna-se um elemento que agrega os acontecimentos sociais, para – em um próximo momento, por meio de uma esportivização da sociedade – transformar-se em fonte de produção cultural, bem como em elemento imprescindível para entender os acontecimentos sociais e culturais.

Para fins deste texto, o esporte é uma prática entre sujeitos que foi definida no mundo das relações sociais ou Mundo da Vida. Nas atividades esportivas há uma necessidade de comunicação. Assim, a essência do esporte, a partir de uma visão habermasiana, é ser um interlocutor das formas de vida e integração social, possibilitando a evolução da linguagem, das instituições e a formação da personalidade.

1. Método de Pesquisa

Sistema e Mundo da Vida

Para Habermas, a partir da publicação da “Teoria da Ação Comunicativa” (1987), o Mundo da Vida é o armazém do saber humano, local de desenvolvimento da sociedade e da sua produção simbólica, que representa estruturas normativas, subjetivas, objetivas e associativas fundamentais para a consolidação da vida em sociedade.

O Sistema, por sua vez, é formulado pela perspectiva de ganhos sobre o outro, a partir da colonização do Mundo da Vida e incorporação da linguagem voltada para o uso estratégico. O Sistema, para Habermas (1987), é dividido entre Sistema Dinheiro, Mercado, e Sistema Poder, Estado.

Habermas (1990) aponta que a evolução material das sociedades é uma consequência de sua evolução cultural. Ele estuda o desenvolvimento da sociedade por meio da evolução social, tendo como ponto de partida a linguagem, preocupando-se com as formas de interação do homem no mundo.

A expressão esportiva, como objeto da “Teoria da Ação Comunicativa”, foi analisada pela linguagem e pelas formas de interação, bem como pelo processo de complexificação sistêmica.

A expressão esportiva via “Teoria da Ação Comunicativa”

O esporte, nos limites deste artigo, é pensado como parte do Mundo da Vida, expressando as relações próprias da comunidade, passando por gerações, até caracterizar-se por um Sistema (Dinheiro ou Poder) integrado de ações conjuntas, identificadas por suas ideologias, crenças, expressões, formas de ser e estar.

A partir deste referencial de esporte, pode-se percebê-lo em diferentes dimensões: como prática no espaço das relações espontâneas (Mundo da Vida); como esporte ensinado na escola e sancionado pelas instituições burocráticas (Sistema Poder); e, ainda, como esporte de massa, que reflete um sistema industrial em desenvolvimento, que tem base no fetiche, na mercantilização das relações, bem como no consumo (Sistema Dinheiro).

Procurando não segmentar a ideia de esporte, trabalhou-se a sua relação definida pela totalidade das tradições, técnicas e instituições derivadas de um sistema histórico, parte integrante e indissociável do saber partilhado por determinada comunidade.

Com o fenômeno de complexificação, apontado por Habermas (1987), nas sociedades industrializadas, o esporte praticado espontaneamente dá espaço para o de massa. As práticas esportivas, com suas modalidades, são uma forma de expressão cultural que, nitidamente, sofreu com os avanços e transformações da sociedade massificada. Os meios mercantis foram implacáveis aos campos de várzea e às expressões pedagógicas, restringindo outras formas de expressão esportiva e criando em torno de si a reprodução do movimento, o mercado de atletas, bem como a dependência

aos meios de comunicação. As apresentações esportivas tornaram-se mercadorias, disseminando hábitos, costumes e, posteriormente, moldando as relações interpessoais.

Na prática esportiva ocorreram os dois processos apontados anteriormente: (a) a mecanização do esporte por meio da incorporação da tecnologia, e (b) a substituição da busca de uma prática despreziosa por uma necessidade de consumo, por meio da ideologização, mostrando que o esporte é parte integrante do processo de transformação cultural.

Por exemplo, na perspectiva de análise habermasiana, o esporte de massa, pelo processo de complexificação sistêmica, pode ser percebido subordinando todas as outras expressões em prol do consumo, delimitando os dois campos – Sistema Poder (caracterizado por formas de expressão da pedagogia do movimento) e Mundo da Vida (caracterizado pela sociabilidade espontânea, como os jogos populares, as apropriações do esporte de maneira informal) –, para constituir-se enquanto campo hegemônico.

A massificação cultural, ou colonização do Mundo da Vida, valoriza pouco o jogo e a pedagogia esportiva. O esporte, guiado pelos cânones da indústria cultural, tem uma forte presença do individualismo, bem como do consumo. A sua construção gira em torno da profissionalização, da busca do recorde e do relacionamento com o outro por meio do vencer.

O processo de apropriação do Mundo da Vida é complexo, incorporando aspectos como a perda de identidade, o afastamento dos símbolos sagrados coletivos e a destruição de uma moral. Nesse sentido, o Mundo da Vida parece viver, desde a constituição da sociedade moderna, uma luta diária com a indústria cultural, procurando incorporar a tecnologia e reconvertê-la em instrumento de uma sociabilidade espontânea ou autêntica. No caso do esporte, particularmente, vive-se a dualidade entre suas novas tecnologias e a ideologia do consumo, em que o esporte espontâneo pode ser percebido enquanto espaço de resistência, como correr nos parques, nadar em um lago ou praticar vôlei de maneira descompromissada.

O esporte definido aqui não é aquele que permanece inalterado no tempo, mas o que preserva e incentiva a socialização espontânea, além da formação coletiva de identidade do grupo. Esta dimensão parece ser a característica fundamental do Mundo da Vida.

O Esporte via “Teoria da Ação Comunicativa”

O esporte interpretado via “Teoria da Ação Comunicativa” seria essencialmente uma relação social. A essência da produção cultural, ligada a este, é ser mais um interlocutor do Mundo da Vida, servindo para a evolução da linguagem, das instituições e para a formação da personalidade.

Pode-se afirmar que o esporte surge no Mundo da Vida, por meio da integração entre as pessoas, da busca do jogar, do querer aprender uma técnica e da vontade de competir. A

complexificação da atividade esportiva se dá nas sociedades modernas com a (a) institucionalização das modalidades e (b) racionalização dos movimentos.

A análise aqui proposta preocupa-se com as três tendências do esporte, segundo a teoria habermasiana. A primeira tendência é a que vê o esporte pelos olhos da cultura – como componente do Mundo da Vida; a segunda tendência discute o papel do Estado como grande propulsor do esporte – Sistema Poder; e a última tendência aponta a função do Mercado como dinamizador das práticas esportivas – Sistema Dinheiro.

Portanto, o esporte expressa as três esferas: Mundo da Vida, Sistema Poder e Sistema Dinheiro. Estas esferas estão em simbiose e podem ser exemplificadas por: (a) a finalidade do indivíduo em fazer a atividade (partilhar, divertir, ganhar, sobreviver); (b) os objetivos que está buscando (estética, saúde, trabalho, sociabilidade, prazer, competir); (c) o espaço social em que ocorre a atividade (jogos olímpicos, escola, parque, praia, clube); (d) as trocas com outros sujeitos (sociabilidade, vencer, aprender); e (e) a ação a ser considerada pelo agrupamento sobre a forma de expressão do esporte, como a pedagógica, a de alto-rendimento ou a amadora.

Determinada atividade será esporte se, e quando, o indivíduo se relacionar com seus pares (relação intersubjetiva); se buscar expressar com o corpo formas sistematizadas de movimento (ou aproximações com estas formas); e se for considerada esporte pelo grupo (sociedade).

2. As marcas da modernidade e o avanço do fenômeno esportivo

O esporte, na sua origem, derivava de jogo ou escola de caráter. Os jogos eram integrantes das expressões das tradições do sagrado ou do profano, consistindo em atividades lúdicas de caráter ritual (Almeida e Rose, 2010). A escola de caráter, por sua vez, eram aquelas de controle do corpo, cavalheirismo, contemplação da expressão corporal. Ações estas que, pelas suas exigências, celebravam o corpo, a força, a beleza e o mágico.

Uma característica do esporte moderno foi retirar o caráter ritual religioso do jogo e o transformar em algo secularizado, sem estruturar-se na religião, incorporando elementos racionais, como medidas, recordes e igualdade de chances (Pilatti, 2006). No que se refere à escola de caráter, esta deu lugar ao vencer a qualquer custo, à exploração da imagem do atleta e a beleza foi substituída pelo resultado.

Como parte do processo de racionalização, o esporte, segundo o olhar weberiano (Weber, 2001), perderia o seu caráter religioso, conservando o culto ao corpo, o conteúdo lúdico e o ritual simbólico da equipe, das cores e do pertencimento. A racionalização trata do uso da razão instrumental na ação humana, significa tomar atitudes e decisões descartando os elementos de natureza pessoal, afetiva e emocional. A eficiência torna-se um valor normativo prioritário para o esporte moderno, e a

quantificação dos feitos atléticos uma exigência fundamental das máquinas competitivas. Trata-se da tendência de transformar qualquer atividade esportiva em algo que possa ser medido e calculado (Almeida e Rose, 2010).

A quantificação geralmente se faz acompanhar de dois outros fenômenos, muito frequentes no mundo esportivo de alto-rendimento: a especialização – definição dos papéis a serem executados pelos atletas – e as estratégias – táticas de jogos cada vez mais formais, rígidas e calculistas. Ambos os elementos visam, em última instância, a um melhor desempenho dos atletas e das equipes nas competições.

A introdução do uso de aparelhos tecnológicos confere mais racionalidade e precisão matemática aos processos de especialização, que adquirem, assim, uma nova legitimidade – tecnológica e científica. Para além da secularização e da racionalização, a consagração do esporte como prática social pode ser vista como parte da modernização do mundo ocidental, de seu processo civilizador, no sentido que lhe atribui Norbert Elias (1980). Segundo sua perspectiva, aqui exposta de forma muito simples e esquemática, a predisposição humana de agir segundo seus instintos e paixões para satisfazer suas necessidades gera tensões e ameaças à vida social. Neste caso, o esporte operaria como uma espécie de válvula de escape, pois a incorporação de hábitos mais racionais, controlados, leva a uma repressão exterior – conter os gestos e palavras – e interior – proibir-se de pensar em atos violentos (Gutierrez e Almeida, 2005).

Na lógica de Elias (1980), como na de Habermas (1987), há um processo de evolução da sociedade e espaços específicos de ações comunicativas, que buscam o divertimento. Os dois teóricos partem do processo de evolução social e da busca por espaços de sociabilidade. Habermas (1987) acrescentaria os termos: espontânea e livre de coações, este último mais distante do sentido elisiano, pois, para Norbert Elias (1980) sempre há uma coação na constituição da sociedade.

Assiste-se, também, à reprodução social, simbólica e de manutenção da lógica da dominação no esporte (Marchi, 2006). Pierre Bourdieu (2000) coloca que o campo esportivo constitui uma arena de lutas simbólicas e de fato, onde se contrapõem forças e interesses consolidados, pelo capital ou pelas diferenças de capital simbólico entre os sujeitos, em que operam os mecanismos que distinguem dominantes e dominados.

Pode-se fazer uma relação entre a diferença de capital simbólico de Bourdieu (2000) e o processo de complexificação sistêmica de Habermas (1987), mais particularmente no surgimento dos Sistemas, que colonizam o Mundo da Vida. Neste caso, a utilização do capital simbólico para fortalecimento de um grupo hegemônico, como expõe Bourdieu (2000), se aproximaria de uma espécie de ação estratégica habermasiana, que utiliza os elementos culturais para sua apropriação e dominação.

São muitas as questões suscitadas frente ao objeto esporte: (a) a relação com o simbólico, (b) civilização e (c) poder. Para seguir neste estudo é importante entender como o fenômeno esportivo se incorpora na vida cotidiana, porque desta vinculação é possível compreender a relação com o Mundo da Vida e, por consequência, a complexificação sistêmica no Esporte.

3. Processo de desenvolvimento do Esporte moderno

A passagem do século XX para o século XXI, no que se refere ao esporte, foi marcada por um quadro conceitual amplo de mudanças e tendências influenciadas pelas transformações sociais e políticas (BURKE, 2004), principalmente com o fim da guerra fria, a globalização, bem como a importância da atividade física no mundo contemporâneo.

Desde os jogos olímpicos modernos de Pierre de Coubertin, o esporte se transformou – no sentido atribuído pela teoria habermasiana de complexificação sistêmica da sociedade. Pode-se afirmar que o universo dividido em esportes amadores e profissionais tornou-se mais complexo do que a simples aferição de renda. Depois da Segunda Guerra Mundial, o quadro internacional do esporte sofreu transformações em todas as suas formas, e uma interpretação correta do conjunto de fatos históricos tornou-se extremamente difícil.

No esporte, as alterações da segunda metade do século XX, pós-guerra, foram profundas, pois o número de praticantes e modalidades cresceu de maneira significativa. Além disso, o esporte era visto apenas sob a perspectiva do alto-rendimento e, após a Carta Internacional de Educação Física e Esporte da Unesco, em 1978, a prática esportiva passou a ser entendida como direito de todas as pessoas.

A ideia de uma prática esportiva pluralista trouxe a possibilidade de democratização e dissociação tanto do esporte quanto do atleta profissional. A abrangência social do esporte passou a ser preponderante. As formas de exercício do direito a tal prática passaram a ser o Esporte e Educação, o Esporte e Lazer e o esporte e Altíssimo Desempenho. Estas dimensões do conceito contemporâneo de Esporte podem ser explicadas desta forma: o Esporte-Educação pelos princípios sócio-educativos da participação, cooperação, coeducação, corresponsabilidade, da inclusão, do desenvolvimento esportivo e do espírito esportivo; o Esporte-Lazer, pelo princípio da não obrigatoriedade e adaptação para a participação de todos; e o Esporte de Altíssimo Desempenho, pelos princípios da superação, *performance* e uso de diferentes tecnologias (Marques, Gutierrez e Almeida, 2006).

Esse processo de diferenciação denomina-se complexificação sistêmica do esporte. Em outras palavras, o objeto esporte passa de algo surgido no Mundo da Vida, vinculado a regras específicas de sociabilidade espontânea de um agrupamento inglês. Ganha uma estrutura racional formalizada com as Ligas e Confederações. Afasta-se do grupo específico e incorpora elementos da industrialização, como

a especialização, a internacionalização, a quantificação, o desempenho, o vencer (Confederações Internacionais). Posteriormente, é utilizado como forma de exibir uma nacionalidade nascente e os atletas vinculam-se às suas concepções ideológicas de Estado (Jogos Olímpicos de Berlim). A partir daí, amplia-se para todos com uma resignificação das modalidades, trazendo adjetivos como saúde, qualidade de vida, participação e cooperação (Esporte Para Todos).

Pode-se perceber que não há um elemento ou direção únicos para compreender o fenômeno esporte, pois, a partir do momento em que se torna complexo, ele não pode ser adjetivado como algo que exista em função da economia ou política: hoje o esporte é um capital simbólico que dialoga com outros capitais simbólicos. Na estrutura de análise habermasiana, a prática esportiva surgiu no mundo das relações espontâneas e se complexificou, tornando-se uma forma de expressão de políticas de Estado e de ações do Mercado. O primeiro fortalece as relações de poder existentes no esporte em si e na relação com outras formas de sociabilidade, ao passo que o segundo vincula-se às estratégias econômicas e de consumo, que constituem relações comerciais e sociais de vivenciar o Ser Esportivo.

Frente a essa situação, não se pode ser purista afirmando que existe um esporte “puro”, do Mundo da Vida, e outros “impuros” vinculados aos Sistemas: a sociedade vive, sim, o dilema de articular ao mesmo tempo Mundo da Vida e Sistemas.

Por exemplo, não se pode negar a importância das mídias para divulgar o esporte participação, bem como a ideia de mimetismo esportivo, isto é, a reprodução de ações de atletas por pessoas comuns. As imagens esportivas veiculadas, bem como um aparato midiático de grande proporção, levam à alimentação do sentido da participação da prática, e quanto mais pessoas colocam o esporte no seu cotidiano, mais espetacularizado ele fica. Tal processo histórico, complexo, oferece uma pequena base para entender a esportivização da sociedade e como ela está presente na vida das pessoas, simbolizando competição, originalidade, beleza, frustração, vitória, reciprocidade ou alegria, tornando as relações sociais repletas de valores esportivos. Esse tema será debatido no próximo item.

4. O esporte e os valores esportivos

O esporte pode ser entendido como um campo de estudo composto de incontáveis formas de relações humanas, todas elas passíveis de serem examinadas pela ótica das orientações educacionais e dos valores morais. A importância da educação para a prática esportiva e, ao mesmo tempo, uma educação do esporte enquanto fenômeno social está na sua capacidade de transmitir valores em qualquer ambiente. Nesse sentido, a primeira educação é a do gesto, da técnica, do controle emocional e dos princípios das ciências do esporte; a segunda, por sua vez, se refere à educação dos valores, da alteridade, da valorização da cooperação e da problematização do esporte (Almeida e Rose, 2010).

A relação do esporte com a educação não é recente, e para entendê-la deve-se reportar para as questões suscitadas no segundo item deste artigo. Discutia-se o esporte como algo elaborado por uma escola de caráter. Muito deste fenômeno se deu pela aristocracia inglesa, no século XIX, quando o esporte era tratado como uma prática auxiliar na formação dos jovens, segundo princípios de hombridade e de comportamento civilizado, preparando-os para competirem entre si dentro de uma ordem instituída e inserida no grupo social delimitado (Elias e Dunning 1992). Graças ao sucesso do movimento olímpico, no século XX, o esporte tornou-se um elemento central da educação moral. Mas, a legitimação de uma “ética esportiva” não ficou restrita ao âmbito da escola, uma vez que a prática esportiva se difundiu e se desenvolveu em outras instituições, como apontado no item anterior.

Nos limites deste artigo, a educação consiste em transmitir normas de comportamento técnico-científico (instrução) e moral (formação do caráter), que podem ser compartilhadas por todos os membros da sociedade. Por isso, a primeira deve ser entendida como inseparável de princípios éticos como igualdade, liberdade e justiça. Pode-se pensar a educação esportiva no ensino das modalidades, das técnicas, das táticas, da visão espacial, no estímulo das capacidades sensoriais, no desenvolvimento fisiológico, na busca pela saúde e sua manutenção pela prática reiterada no tempo. Ao ensinar uma modalidade, por exemplo, estar-se-á, também, estimulando padrões de conduta, baseados em uma ética que é esportiva e social.

Nesses conteúdos esportivos parece haver uma dissonância entre os objetivos dos educadores e os valores do esporte no cotidiano. Isto é, há mais projeção acerca da violência, *doping* ou jogadas desleais, do que de valores como alteridade, espírito competitivo e jogo limpo. Há uma crise ética no esporte. Nesse sentido, a teoria habermasiana valoriza: a sociedade civil como interlocutora que pode superar esta dissonância; as instituições não formais, que exijam posturas dos atletas e dirigentes, como corresponsáveis na transmissão dos valores esportivos; e as cartas da ONU como o direito ao esporte, no intuito de disseminar a prática como valor social e garantia estatal. Somam-se a isso, a transformação das equipes esportivas em um patrimônio cultural, deixando os clubes e as associações esportivas menos vulneráveis aos avanços do mercado; e uma legislação transparente na área esportiva, bem como garantias para a democratização nas suas confederações. Essas são algumas ações pontuais que podem auxiliar neste longo processo de mudança de postura ética.

Dessa maneira, o esporte possibilita inúmeras formas de superação, pois já há uma clareza da sua importância nos projetos sociais, como componente cultural que deve ser abordado de forma educativa. O desafio da sociedade civil, o que inclui a universidade nesta esfera, é superar as políticas esportivas eleitoreiras, transformando-as em políticas de direito ao esporte; e dialogar com os setores da economia esportiva para valorizar aspectos éticos, frente a uma economia de mercado agressiva que desvaloriza o esporte enquanto componente cultural ou transmissor de valores.

Considerações Finais

Frente às considerações apresentadas, a partir da análise habermasiana, não é de mais afirmar que o esporte é indispensável na formação do homem e na vida em sociedade, uma vez que se tornou matriz de socialização e transmissão de valores, forma de sociabilidade moderna, instrumento de educação, bem como de discussão teórica.

O esporte, como estudado, é parte fundamental da cultura do país, é parte do Mundo da Vida (Habermas, 1987). É representação da identidade nacional, incorporando na sua prática os valores da sociedade. É espetáculo ritual. Constitui, portanto, fenômeno social observável na vida cotidiana que se articula com símbolos culturais, economia e política (Habermas, 1987).

O esporte pode ser compreendido no âmbito da complexificação sistêmica da sociedade, pois há a passagem de uma prática desinteressada, para algo que se desenvolve no Sistema Dinheiro (Mercado) e Sistema Poder (Políticas Estatais) (Habermas, 1987). Com isso, observa-se o crescimento das preocupações com o público, com o consumidor, com a venda, com o espetáculo do corpo como elemento de consumo e de notável atenção e visibilidade.

Walter Benjamim (1985) via o esporte como pertencimento, isto é, uma proximidade entre atleta e público, uma sensação deste no sentido de que ele também pode tomar parte e se posicionar perante o espetáculo ou na sua prática cotidiana. Guy Debord (1997) afirma que a sociedade é espetacularizada e o espetáculo é a relação social mediada por imagens.

No sentido apontado acima, e articulado com a visão habermasiana (1987), o esporte se transforma de objeto de uso das outras esferas sociais, para ter um papel de destaque, utilizando-as para seu próprio enriquecimento.

A conclusão fundamental deste artigo é a compreensão de que o esporte se constitui em poderosa representação de valores e desejos, os quais permeiam o imaginário do século XX e agora o do XXI. A superação de limites, o extremo de determinadas situações, a valorização da tecnologia, a consolidação de identidades nacionais, a busca de uma emoção controlada, o exaltar de certo conceito de corpo – tudo isso está constantemente presente nas competições organizadas no decorrer do século que passou e, por certo, continuará presente neste, pelo menos nesta primeira década.

Referências

- BENJAMIM, W. (1985). **Obras escolhidas**. v. 1. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense.
- BETTI, M. (2004). **Violência em campo**. São Paulo: Unijuí.

BOURDIEU, P. (2000). **O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação**. Campinas: Papirus.

BURKE, P. (2004). **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: Edusp.

DEBORD, G. (1997). **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Contraponto Editora.

ELIAS, N. (1980). **Introdução à sociologia**. São Paulo: Martins Fontes.

ELIAS, N.; DUNNING, E. (1992). **Memória e sociedade a busca da excitação**. Lisboa: Difel.

GUTIERREZ, G.; ALMEIDA, M. (2005) Norbert Elias vista o Bung Jump. In: CARVALHO, A.; BRANDÃO, C. **Introdução a sociologia da cultura**. São Paulo: Avercamp.

HABERMAS, J. (1987). **Teoria de la acion comunicativa. Tomo I e Tomo II**. Versión Castellana de Manoel Jemenez Redondo. Madri: Taurus.

_____. (1989). **Consciência moral e agir comunicativo**. Tradução: Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

_____. (1990). **Para a reconstrução do materialismo histórico**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 2 ed. São Paulo: Brasiliense.

LUCENA, R. F. (2001). **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados.

MARCHI JÚNIOR, W. (2006). Como é possível ser esportivo e sociólogo? In: GEBARA, A; PILATTI L. A. (ed) **Ensaio sobre história e sociologia nos esportes**. Jundiaí: Fontoura, p. 159-195.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. de. (2006) Esporte na empresa: a complexidade da integração interpessoal. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 20, n. 1, p. 27-36, jan/mar.

MELO, V. A. (2006). Futebol e cinema: relações. **Revista Portuguesa Ciência do Desporto**, n. 6, v. 3, p. 362-372.

PILATTI, L. A. (2006). Ensaio sobre história e sociologia nos esportes. In: GEBARA, A; PILATTI L. A. (ed) **Ensaio sobre história e sociologia nos esportes**. Jundiaí: Fontoura, p. 159-195.

WEBER, M. (2001). **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução Vinicius Eduardo Alves. São Paulo: Centauro.